

Teoria do Valor Trabalho: A Crítica de Contradição e a Crítica de Redundância

Tiago Camarinha Lopes*

Resumo

Os dois tipos de crítica à teoria do valor trabalho (a crítica de contradição e a crítica de redundância) são apresentados em conjunto com a reconstrução da história do debate sobre a transformação dos valores em preços de produção. O artigo¹ argumenta que o movimento de mudança da crítica de contradição para a crítica de redundância no século 20 expressa o progresso da economia marxista e sua expansão dentro do âmbito oficial de ensino da ciência econômica

Palavras-chave: teoria do valor trabalho, Sraffa, problema da transformação.

Classificação JEL: B40, B24, B51

Introdução

A transformação dos valores em preços de produção é um dos tópicos controversos que tem a capacidade de colocar a teoria de Marx em condições de diálogo com as teorias econômicas tradicionais. Por esse motivo, a organização histórica desse debate pode resultar em soluções práticas para variados problemas. Um dos resultados dessa recuperação é o reconhecimento dos dois principais argumentos usados por economistas para a rejeição da teoria do valor trabalho, que, depois de consolidada pela Economia Política Clássica, ganhou uma nova dimensão sob a pena de Karl Marx.

* Doutorando do Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, MG. Contato: tiagocamarinhalopes@gmail.com.

O objetivo principal deste artigo é qualificar e diferenciar estes dois tipos fundamentais de crítica à teoria do valor trabalho de Marx: a crítica de contradição e a crítica de redundância. A meta secundária que decorre necessariamente dessa diferenciação é defender que, como a crítica de redundância é inferior à crítica de contradição, duas tarefas emergem para os economistas marxistas.²

O ponto de partida oficial do problema da transformação foi a seguinte pergunta elaborada por Engels em 1885 no prefácio do livro 2 do *Capital*: como se forma uma taxa média igual de lucro fundamentando-se na lei do valor?³ Entre os economistas da época, dois métodos de tratamento surgiram para dar conta dessa questão.

O primeiro é aquele ligado à crítica da contradição entre os livros 1 e 3 do *Capital*, formulada por Böhm-Bawerk em 1896⁴. A solução do problema, segundo esta linha, é impossível. O segundo método é aquele que remonta aos trabalhos de Bortkiewicz ([1907] 2007). Esse caminho busca seguir a própria estrutura apresentada por Marx no *Capital* através de formalização e refinamento da exposição. Ele tenta, portanto, resolver analiticamente o problema sem abandonar a teoria marxista. No decorrer do século XX surgem diversos trabalhos que seguem essa linha. O ressurgimento do tema aconteceu devido à obra de Sraffa, *Produção de Mercadorias por Meio de Mercadorias*, de 1960⁵. A utilização do modelo de Sraffa confirmou a tese da redundância da teoria do valor trabalho, e por isso, Samuelson tentou encerrar o debate nos anos 1970, anos depois de já ter elaborado uma primeira versão para tentar caracterizar a teoria econômica de Marx como inútil⁶. Mas, surpreendentemente, o debate prosseguiu sob uma nova forma.

A polarização causada por Engels e Sraffa indica que é possível identificar claramente duas explicações qualitativamente diferentes para a rejeição da teoria do valor de Marx, e que explicita que houve um avanço devido à falha plena da crítica de Böhm-Bawerk. Desde então, os defensores da teoria do valor dos trabalhadores têm como adversário intelectual uma corrente gestada por Samuelson, que abandona a idéia de que o sistema de valores contradiz o sistema de preços e adota uma estratégia diferente para afastar a economia marxista do ensino oficial: agora, o sistema de valores não está em contradição com o

sistema de preços de produção, mas é, no final das contas, redundante para sua determinação quantitativa, com o que o estudo sobre a teoria do valor se tornaria inútil. Em outras palavras, do ponto de vista dos opositores da escola marxista, mesmo que a teoria do valor trabalho seja cientificamente correta, ela não teria utilidade para a análise e ação sobre o funcionamento da economia capitalista.

Para elaborar uma reação adequada à acusação de redundância que afasta a teoria econômica de Marx dos círculos oficiais de ensino, é muito importante entender por que a forma geral de ataque à teoria do valor trabalho mudou de caráter. A confusão constante entre estas duas formas de crítica está na raiz explicativa para a existência de tantas correntes conflitantes dentro da escola marxista contemporânea.

A crítica de contradição

No prefácio do livro 2 do *Capital*, Engels coloca a contradição da economia clássica como um desafio aos teóricos da época. De forma resumida, a contradição era a seguinte: os fatos da experiência capitalista mostram que dois capitais de mesmo tamanho resultam em lucros iguais. Mas, se estamos adotando a teoria do valor trabalho, ou a lei ricardiana do valor, se estes capitais colocam em movimento quantidades distintas de trabalho, a geração de valor deve ser diferente para esses capitais de mesmo tamanho. Nesse caso, a quantidade de lucros gerada por eles seria também diferente, em contradição com a constatação empírica de que dois investimentos, independente de sua composição orgânica, devem dar retornos proporcionais ao seu tamanho.

Como explicar essa realidade sem abandonar a lei do valor? Esse é o desafio explicitado por Engels no prefácio do livro 2 e um dos tropeços dos clássicos que Marx pretende resolver.⁷ É importante ter em mente que este é um problema que trata apenas do aspecto quantitativo da teoria do valor. O aspecto qualitativo do valor é desenvolvido por Marx no início do *Capital* e culmina na diferenciação dos modos de produção assim como no esclarecimento da duplicidade do trabalho enquanto produtor de valor de uso (trabalho concreto) e de valor

(trabalho abstrato). O problema da transformação tradicional refere-se ao lado quantitativo da determinação das relações de troca.

Apesar de razoavelmente avançada, a solução formal de Marx para esse problema quantitativo não foi satisfatória. Depois da publicação do livro 3, o debate continuava pois não havia concordância sobre a solução para a transformação dos valores em preços de produção. No prefácio do livro 3, Engels comenta algumas soluções para o desafio, dando destaque para a proposta do próprio Marx como o desenvolvimento que, mesmo que não finalizado, era aquele que mais desenvolvia a questão.

Dentre as reações dos economistas ao desafio de Engels, é interessante destacar a solução de Wilhelm Lexis⁸. Para ele, a quantidade de valor não precisa estar conectada necessariamente ao tempo de trabalho. Conforme seu argumento, seria possível escolher outra unidade para fazer a medição da quantidade de valor, que não fosse tempo de trabalho. Por outro lado, Lexis reconhece que as unidades de tempo de trabalho na produção podem também ser pensadas como um ponto de partida de um deslocamento que leva para os preços reais. Dessa maneira, os preços podem ser compreendidos como a forma de aparição do valor-trabalho, mas nada obriga a utilização deste ponto de vista. Assim, para Lexis, a teoria do valor-trabalho, embora não seja errada, é apenas uma entre várias maneiras possíveis de explicar os preços. Podemos considerar este argumento de Lexis como uma antecipação da idéia de redundância quantitativa da teoria do valor-trabalho, e por isso o destaque.

Provavelmente reconhecendo o potencial crítico desse tipo de análise, Engels dirige a maior parte de sua força nesta solução específica de Lexis. Como ele defende a teoria do valor de Marx? Fica evidente que Engels *não* faz uma rejeição imediata da idéia de que a teoria do valor trabalho é apenas uma entre várias possíveis para explicar as relações quantitativas de troca. De fato, Engels contrapõe as explicações para o aspecto quantitativo do valor ao comparar diferentes teorias que descrevem necessariamente a mesma realidade econômica. Isso leva o embate a um plano que acaba explicitando o lado político dos teóricos e que não pode ser solucionado tecnicamente, ou seja, de forma neutra.

Engels admite que Lexis coloca a questão da contradição de modo correto, ainda que não providencie nenhuma resolução concreta. A noção

de que existem apenas preços empíricos, determinados exclusivamente pelas forças de oferta e demanda do mercado, é notadamente típica da economia vulgar. Mas o raciocínio de Lexis, é levemente diferente deste tipo de apreensão. Não é que o sistema de valores, fonte originária das relações quantitativas de troca concretas, não exista. É que conhecê-lo não é condição necessária para se chegar aos preços. Ou de maneira análoga:

A economia vulgar do Autor [Lexis] é, em todo caso, de espécie muito particular. Afirma que, desde logo, o ganho de capital *pode* ser deduzido à maneira de Marx, mas nada *obriga* a adotar essa concepção. Engels ([1894] 1985), p. 10.

Apesar de não estar claramente formulada, percebe-se que a tese da redundância da teoria do valor trabalho está na base da argumentação de Lexis, ainda que ele não abandone o arcabouço posto por Marx para tratar da questão:

Lexis é um homem extremamente cauteloso na escolha de seus termos. Em nenhum momento ele afirma que a concepção acima seja a sua; se ela, contudo, o é, então é claro como o sol que aqui não estamos tratando com um daqueles economistas vulgares habituais, dos quais ele mesmo diz que cada um deles, aos olhos de Marx, “é, na melhor das hipóteses, apenas um imbecil incurável”, mas com um marxista disfarçado de economista vulgar. Que esse disfarce tenha ocorrido de modo consciente ou inconsciente, é uma questão psicológica que não nos interessa aqui. Engels ([1894] 1985), p. 11.

Na primeira vez, é possível que tenha sido de modo inconsciente. Mas o que dizer da renovação deste disfarce por Samuelson (1971)? A história do debate revela que a força da ideia de redundância não podia se espalhar no momento imediatamente após a publicação do *Capital*, mas que ela foi liberada décadas mais tarde assim que o modelo de Sraffa foi utilizado para dar uma solução formal ao problema quantitativo da transformação.

Além desta posição de Lexis, os teóricos em geral tentavam descrever a operação da lei do valor em conjunto com o processo de concorrência. Cada participante do debate de então buscava ligar a teoria do valor-trabalho com a taxa média igual de lucro a partir de

descrições textuais da realidade do mercado, ou seja, sem formalizações matemáticas. Ademais, um aspecto que ilustra a predominância da crítica da contradição naquele período era o seguinte: a teoria do valor-trabalho ainda era amplamente aceita no final do século XIX e, portanto, não precisava ser primeiramente justificada. Com isso, todo esforço girava em torno de como conectar a teoria do valor de Ricardo com a de Marx. É importante lembrar, mais uma vez, que se trata aqui apenas do aspecto quantitativo da teoria do valor. Portanto, a continuidade entre a economia política clássica e a economia política de Marx, consubstanciada na questão sobre porque os preços têm a magnitude que têm e não outra, permeia a problemática dos valores e preços desde sua formulação original.

Durante este estágio do debate sobre como a lei do valor explica a formação da taxa média igual de lucro, a posição oposta à escola marxista era liderada por Böhm-Bawerk. Seu argumento era o de que a referida contradição entre os valores e os preços era insolúvel, e que, portanto, a teoria de Marx teria fracassado. E, a crítica de redundância dos valores, que defendemos estar representada implicitamente por Wilhelm Lexis já naquela época, não conseguiu se estabelecer, justamente porque a conexão quantitativa entre o sistema dos valores e o sistema dos preços ainda não era completamente compreendida. Desse modo, não foi formulada nenhuma conclusão. O debate continuou, portanto, e se modificou com a contribuição de Bortkiewicz. Foi nesse momento que o problema da transformação emergiu como um dos tópicos mais intrincados pós-Crítica da Economia Política que entrelaçava a teoria econômica de superfície e a teoria econômica de Marx.

O problema da transformação dos valores em preços de produção

No livro 3 do *Capital*, Marx busca superar os problemas quantitativos da teoria do valor clássica⁹. O ponto central de seu argumento é o de que a lei do valor domina o movimento dos preços. Isso significa que, mesmo que os preços observados no mercado não sejam exatamente iguais às quantidades de trabalho referentes à

produção da mercadoria em questão, existe um mecanismo que explica esse desvio. Marx busca formular um procedimento lógico que modele essa explicação, mas ele não consegue escrever matematicamente aquilo que apresenta em forma de texto. O procedimento que ele adota é muito restrito, e por isso, a partir de então, o problema passou a ser visto não mais como uma falha da economia política clássica, mas uma do próprio Marx.

No procedimento de Marx no livro 3 para a conversão dos valores em preços de produção, os preços de custos estão contabilizados em termos de valor. O que significa isso? Resumidamente, o sentido disso é que os capitalistas podem comprar as mercadorias referentes ao capital constante e variável pelos seus valores individuais, como se essas mercadorias tivessem seus preços iguais aos seus valores. Apesar de isso ser possível, no caso da composição orgânica das indústrias produtoras dos valores de uso em questão ser idêntica à composição orgânica média da economia, o normal é que os preços das mercadorias que compõe o investimento também vão desviar de seus valores. Marx percebe a incompletude de sua solução matemática e indica que uma formalização completa ainda deveria ser desenvolvida.

“Em virtude do desenvolvimento agora dado ocorreu uma modificação na determinação do preço de custo das mercadorias. Originalmente admitiu-se que o preço de custo de uma mercadoria era igual ao *valor* das mercadorias consumidas em sua produção. Mas o preço de produção de uma mercadoria é, para o comprador da mesma, seu preço de custo e, por isso, pode entrar como preço de custo na formação do preço de outra mercadoria. Assim como o preço de produção pode desviar-se do valor de uma mercadoria, assim também o preço de custo de uma mercadoria, no qual esse preço de produção de outra mercadoria está incluído, pode estar acima ou abaixo da parte de seu valor global que é formada pelo valor que é formada pelo valor dos meios de produção que entram nela. É preciso não perder de vista essa significação modificada do preço de custo e portanto lembrar que quando, numa esfera particular da produção, o preço de custo da mercadoria é equiparado ao valor dos meios de produção consumidos em sua produção, sempre é possível que haja um erro. Para nossa investigação presente não é necessário examinar mais de perto esse ponto.” (Marx ([1894] 1986), p. 128)

Por que Marx não examina mais de perto esse ponto? Porque os pressupostos adotados aqui tornam sua solução para o problema necessariamente correta, como fica claro na continuação deste trecho. Mas, se a ciência não pode ser fundamentada em pressupostos, há de se admitir que tal solução, apesar de correta, é incompleta.¹⁰

Dessa maneira, o procedimento de conversão de valores em preços de produção deveria ser modificado, expandido, aperfeiçoado. E é aqui que entra a contribuição de Bortkiewicz, marcando o ponto de partida para a busca de um algoritmo que modele completamente a transição do sistema de valores para o sistema de preços de produção. Uma grande quantidade de artigos surge em decorrência deste trabalho, onde o foco principal é claramente no aspecto quantitativo da conversão. A polarização do debate, que antes era clara em relação ao papel da teoria do valor trabalho, diminui, assim como elementos ideológicos saem de cena nesta busca por uma fórmula matemática que resolva o problema técnico em questão. A constante aparição de novas soluções contribuiu para criar a ilusão de que o debate sobre o problema da transformação fosse circular. O sentido econômico da problemática havia de fato desaparecido, e não era mais sabido se o problema tinha sido criado com a intervenção de Bortkiewicz, se ele decorreria de uma falha de Marx ou se ele tinha sua origem mesmo na Economia Política Clássica. De toda forma, foi nessa confusão que o problema da transformação se popularizou mundialmente.

É possível pensar neste estágio do debate como um período intermediário entre duas fases de polarização teórica forte. O problema da transformação tradicional é o embate que liga o momento da crítica da contradição à fase da crítica de redundância da teoria do valor trabalho. Como isso ocorre? A conclusão a que se chegou sobre o problema da transformação foi a seguinte: o sistema de valores se diferencia do sistema de preços de produção, e essa diferença é por causa dos critérios de distribuição da mais-valia. No sistema de valores, o critério é o tamanho do capital variável, ou seja, a mais-valia está distribuída em proporção à grandeza do trabalho vivo de cada setor. No sistema de preços de produção, a soma do capital variável com o constante é o critério de distribuição. Qual a relação lógica-matemática entre um sistema e outro? Conforme Pasinetti (1979), a transformação

pode ser modelada através da multiplicação do sistema de valores com uma matriz específica que reorganiza a distribuição da mais-valia de modo que surjam os preços de produção e a taxa de lucro proporcional ao tamanho de cada capital, independente de sua composição.

Apesar de ser um resultado matemático incontestável, as discórdias continuavam, pois o significado desta modelagem não era compreendido. Então, como consequência da solução para a contradição entre os sistemas de valores e preços de produção, uma nova forma de atacar a teoria marxista do valor apareceu.

A crítica de redundância

Na esteira do desenvolvimento do modelo de Sraffa, que havia aberto um front de ataque à teoria marginalista do valor, houve um movimento curioso. A crítica à escola neoclássica contida nas controvérsias de Cambridge foi perdendo espaço para estudos que relacionavam o modelo de *Produção de Mercadorias por Meio de Mercadorias* (PCC) com a teoria do valor de Marx.

Em 1971, Samuelson publicou um artigo onde, com a ajuda do modelo de Sraffa, reafirmava ser a análise do valor no livro 1 do *Capital* desnecessária para se chegar ao sistema dos preços de produção. Como resultado, toda atenção que podia estar concentrada na crítica que Sraffa faz à teoria marginalista do valor voltou-se para os efeitos de PCC sobre a teoria do valor trabalho. Desde então, a escola marxista se envolveu em um novo embate com a escola sraffiana (ou neoricardiana), em que a relevância da teoria do valor trabalho estava em jogo. Samuelson, evitando repetir o raciocínio de Böhm-Bawerk, altera o eixo de oposição em relação aos marxistas ao estabelecer que a teoria do valor trabalho não é contraditória nem errada, mas apenas redundante.

Com isso, houve uma refutação definitiva da crítica de contradição entre os livros 1 e 3 do *Capital* e que remonta à análise crítica de Eugen von Böhm-Bawerk de 1896. Mas os teóricos não podiam deixar um espaço vazio que permita a expansão da teoria do valor trabalho. Foi então que crítica de contradição cedeu espaço para a crítica da redundância enquanto vanguarda de oposição à teoria do

valor marxista. O livro de Ian Steedman, *Marx after Sraffa*, de 1977, simboliza esta mudança ao organizar os novos desafios teóricos que se punham aos adeptos do método de Marx no campo da economia. Existem hoje quatro correntes principais que surgiram dentro da escola marxista como reação a essa nova situação.

A primeira delas é a chamada “nova solução” dos anos 1980. Essa corrente buscava encontrar a relevância da teoria do valor-trabalho de um modo relativamente difuso e ideológico. Segundo Duménil (1983-1984), um dos fundadores desta interpretação, o conceito de valor seria uma necessidade teórica, pois a agregação dos diferentes valores de uso precisaria da redução a um terceiro em comum. Mas, por que esse terceiro comum precisa ser o trabalho? Como a corrente não consegue responder isso ou se perde em justificativas circulares, ela tinha uma proposta teórica frágil. Por outro lado, a “nova solução” foi importante por ter sido pioneira e agregadora no sentido político de desafiar a dominância da escola neoricardiana sobre a questão e explicitar que a teoria do valor dos trabalhadores estava de alguma forma sendo degradada com o argumento da redundância.

Outra vertente que agrega diversos autores é o “desenvolvimento qualitativo”. Esta via de estudo sobre o valor remonta aos trabalhos pioneiros do economista russo Isaak Ilitch Rubin ([1927] 1978). A ênfase aqui é no aspecto qualitativo do valor, ou seja, na ruptura entre Marx e a economia clássica e na conceituação de trabalho abstrato. Representantes dessa escola são Heinrich (1999) e Belluzzo (1998).

Já na linha interpretativa chamada “Sistema Único Temporal”, a transformação dos valores em preços de produção acontece em uma linha cronológica, ou seja, a transformação ocorre ao longo do tempo. Diferente das abordagens tradicionais, o argumento aqui é que não existem sistemas diferentes ao mesmo tempo. Seria o mesmo sistema que se transforma conforme o tempo passa. Essa linha busca, portanto recuperar o sentido original colocado por Marx a fim de encontrar o significado econômico da transformação. Os principais defensores dessa linha são Freeman, Kliman e Wells (Org.) (2004).

Outro campo de desenvolvimento chamado “aproximação probabilística” remonta ao livro de Farjoun e Machover, *Laws of Chaos*, publicado em 1983. Eles exploram instrumentos da matemática

e da estatística para qualificar e dar sentido econômico ao problema da transformação, em um exercício de recuperação dos textos originais de Marx combinado com as ferramentas de computação de dados econômicos empíricos. O principal aspecto dessa abordagem é o abandono do pressuposto da taxa igual de lucro, prática comum nos modelos de cálculo econômico. Essa suposição ocorre normalmente porque a igualação das taxas é uma experiência real, de modo que a tendência aparece como estado verdadeiro para o teórico. Na prática, as taxas de lucro são sempre diferentes, o que não invalida a idéia de um estado ideal em que a remuneração do capital dependeria apenas de sua grandeza, e não de sua composição entre capital variável e constante.

Sem desprezar os esforços realizados por todas estas correntes, uma crítica geral pode ser posta a todas as reações a Samuelson (1971) e Steedman (1977). A falta de visão global da trajetória do problema faz com que todas elas confundam o conteúdo da oposição em relação à teoria do valor de Marx, que se alterou ao longo do debate sobre a relação entre os valores e os preços de produção. Por isso, ao invés dos autores do campo marxista trabalhar de maneira isolada tentando solucionar o problema da transformação mais uma vez (cuja solução culminaria de novo na redundância!), é urgente que se crie uma ação coletiva inteligente para se escapar da armadilha de Samuelson.

Por que a crítica mudou de contradição para redundância?

Desde que Marx revolucionou a economia política e colocou a teoria do valor trabalho em um quadro analítico mais amplo ao desenvolver aquilo que viria a ser o materialismo histórico, diversos economistas buscaram rejeitar a validade de seus estudos. A teoria do valor trabalho, que reinava absoluta durante o predomínio da economia política clássica, começou a ser atacada como maneira dos quadros reacionários e conservadores se oporem ao possível domínio da ciência econômica pela classe dos trabalhadores.

Inicialmente, a forma de atacar a teoria do valor trabalho se assentava na contradição existente entre o sistema de valores e o sistema de preços de produção, ou, analogamente, na contradição entre os livros

1 e 3 do Capital. Esta é a crítica de contradição e ela foi preponderante nos embates sobre a teoria do valor até o momento em que uma solução matemática adequada para o problema da transformação tradicional foi encontrada. O processo de desenvolvimento dessa solução contou especialmente com a contribuição inconsciente de Sraffa, cujo propósito primordial não era alterar os alicerces da teoria marxista do valor, mas sim realizar um ataque lógico-formal à teoria marginalista do valor.

Mas, provavelmente reconhecendo o potencial de avanço da escola econômica marxista, no início dos anos 1970, Samuelson vinculou a obra de Sraffa com a já delineada crítica da redundância da teoria do valor trabalho na reação de Wilhelm Lexis ainda no final do século XIX. Esta modalidade de aversão tornou-se então o principal veículo agregador de todos interessados em evitar uma expansão oficial da teoria do valor de Marx. A partir daí, as controvérsias em torno do valor que se desenrolam no campo da economia estão balizadas por posições contrárias, onde uma defende a inutilidade da teoria do valor trabalho, enquanto a outra busca defender a relevância e a praticidade da teoria para solução de problemas concretos.

É interessante destacar que o ataque à teoria do valor de Marx a partir dos anos 1970 não é realizado de maneira direta pelo próprio Samuelson, mas que ele mesmo se encontra no ponto de contato entre dois grupos em combate. Lerner (1972), por exemplo, acusou Samuelson de ter feito concessões ilegais à teoria do valor trabalho, pois ela seria reabilitada caso fosse descrita apenas como redundante e não contraditória. Em sua reação, Samuelson (1972) expõe com ironia a posição política de Lerner, deixando claro que não há ciência neutra: mesmo reconhecendo a validade científica da teoria do valor trabalho, Samuelson nunca esconde que se opõe aos anseios políticos e ideológicos dos seguidores de Marx.

Então, seria Samuelson um “marxista disfarçado de economista vulgar” consciente? Seguindo Engels, mais uma vez, esta é uma questão psicológica que deveria interessar em primeiro lugar os estudiosos da relação intelectualidade e consciência de classe. Para os economistas, a solução do problema não depende de saber se Samuelson queria ou não jogar Sraffa contra Marx, mas sim de apartar seus seguidores brigões. O efeito real de Samuelson (1971) foi a criação de uma controvérsia

escolástica que tem absorvido muito esforço com potencial de ser alocado para o debate Cambridge-Cambridge. Será que a briga infantil Marx versus Sraffa não ajudou os economistas a simplesmente ignorarem o golpe fatal de PCC na teoria do valor utilidade?

Independente deste ponto, o importante a concluir neste artigo é que a crítica à economia marxista mudou de “contradição” para “redundância” no desenrolar do debate sobre o problema da transformação. Isso indica que a crítica de Böhm-Bawerk falhou oficialmente, visto que a contradição entre os sistemas é perfeitamente explicável. Além disso, a mudança do caráter da crítica de contradição para redundância implica que a rejeição da teoria econômica marxista sempre é uma questão de decisão política e não técnica. Esse resultado tem uma importância considerável, porque invalida o argumento pretensamente científico de que Marx estaria superado.

O enfoque dos adeptos da escola econômica marxista sobre esta questão tem sido na defesa da teoria do valor trabalho, como se o nível de crítica hoje fosse mais refinado do que na época em que prevalecia a crítica da contradição. Defendemos que, ao contrário, a força técnica de rejeição foi diminuída com o choque de Sraffa, abrindo espaço para um aceite silencioso da validade da teoria do valor trabalho, que passa então a ser negada apenas por via da ideologia, já que é admitida explicitamente como uma teoria do valor cientificamente correta.

Por conta disso, uma nova tática para lidar com a acusação de redundância precisa ser desenvolvida: ao invés de tentar mostrar a relevância da teoria do valor trabalho, os cientistas econômicos deveriam fazer duas coisas: (i) revelar como o uso politicamente reacionário da teoria de Sraffa evita a expansão do marxismo nas ciências econômicas e (ii) explicar como Marx e Sraffa podem ser postos do mesmo lado da luta.

Abstract

The two kinds of critique of the Labor Theory of Value (the critique of contradiction and the critique of redundancy) are presented along with the history of the debate on the transformation problem of values into production prices. The paper argues that the

overall shift from the critique of contradiction to the critique of redundancy in the 20th century expresses the progress of Marxist economics and its expansion within official economic science.

Key-words: Labor Theory of Value, Sraffa, transformation problem.

Referências

- Belluzzo, Luiz Gonzaga (1998). *Valor e Capitalismo: Um Ensaio Sobre a Economia Política*. Campinas, SP, Unicamp, IE.
- Böhm-Bawerk, Eugen von ([1896] 2007). *Karl Marx and the close of his system*. Auburn, Alabama: Ludwig von Mises Institute.
- Bortkiewicz, Ladislaus von ([1907] 2007). On the Correction of Marx's Fundamental Theoretical Construction in the Third Volume of Capital. In: Sweezy, P. (Org.). *Karl Marx and the close of his system by Eugen von Böhm-Bawerk & Böhm-Bawerk's criticism of Marx by Rudolf Hilferding*. Auburn, Alabama: Ludwig von Mises Institute.
- Duménil, Gérard (1983-1984). Beyond the Transformation Riddle: a Labor Theory of Value. *Science and Society*, Vol. XLVII, No. 4. 427-450.
- Engels, Friedrich ([1885] 1963). Vorwort. *Marx Engels Werke, Band 24, „Das Kapital“, Bd. II*. [MEW 24] Dietz Verlag, Berlin/DDR, 1963.
- Engels, Friedrich ([1885] 1985). Prefácio. In: Marx, K. ([1885] 1985). *O Capital. Livro Segundo: O Processo de Circulação do Capital*. São Paulo: Nova Cultural.
- Engels, Friedrich ([1894] 2004). Vorwort. Das Kapital. Kritik der Politischen Ökonomie. Dritter Band. Hamburg 1894. In: *Karl Marx, Friedrich Engels, Gesamtausgabe. Zweite Abteilung: „Das Kapital“ und Vorarbeiten, Bd. 15*. [MEGA, II, 15, Text], Berlin: Akademie Verlag, 2004, 5-23.
- Engels, Friedrich ([1894] 1985). Prefácio. *O Capital. Livro Terceiro: O Processo Global da Produção Capitalista*. São Paulo: Nova Cultural.
- Farjoun, Emmanuel and Machover, Mosche (1983). *Laws of Chaos: A probabilistic approach to political economy*. London.
- Freeman, Alan; Kliman, Andrew and Wells, Julian (Orgs.) (2004). *The New Value Controversy and the Foundations of Economics*. Edward Elgar Publishing.

- Heinrich, Michael (1999). *Die Wissenschaft vom Wert*. Münster.
- Lexis, Wilhelm (1895). The concluding volume of Marx's Capital. *The Quarterly Journal of Economics*, vol. 10, no. 1, 1-33.
- Lerner, Abba (1972). A Note on 'Understanding the Marxian Notion of Exploitation'. *Journal of Economic Literature* 10 (1): 50-51.
- Marx, Karl ([1894] 2004). Das Kapital. Kritik der Politischen Ökonomie. Dritter Band. Hamburg 1894. *Karl Marx, Friedrich Engels, Gesamtausgabe. Zweite Abteilung: „Das Kapital“ und Vorarbeiten, Bd. 15*. [MEGA, II, 15, Text, 2004], Berlin: Akademie Verlag, 2004.
- Marx, Karl ([1894] 1986). *O Capital: Crítica da Economia Política. Livro III: o processo global da produção capitalista*. São Paulo: Nova Cultural.
- Pasinetti, Luigi (1979). *Lectures on the Theory of Production*. Palgrave Macmillan.
- Rubin, Isaak Ilicht ([1927] 1978). Abstract Labour and Value in Marx's System. *Capital & Class*, vol. 5, 107-39.
- Samuelson, Paul Anthony (1957). Wages and Interest: a Modern Dissection of Marxian Economic Models. *American Economic Review*, vol. 47, 884-912
- Samuelson, Paul Anthony (1971). Understanding the Marxian Notion of Exploitation: A Summary of the So-Called Transformation Problem Between Marxian Values and Competitive Prices. *Journal of Economic Literature*, vol. 9, no. 2, 399-431.
- Samuelson, Paul Anthony (1972). The Economics of Marx: An Ecumenical Reply. *Journal of Economic Literature* 10 (1): 51-57.
- Sraffa, Piero (1960). *Production of Commodities by Means of Commodities: prelude to a critique of economic theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Steedman, Ian (1977). *Marx after Sraffa*. London: NLB.

Notas:

¹ Esta é uma versão revisada e expandida da comunicação apresentada no VII Colóquio Internacional Marx e Engels, realizado em Campinas em julho de 2012.

² O enfoque deste trabalho não é detalhar a controvérsia em teoria do valor que se abre nos anos 1970, mas indicar que a aproximação entre Marx e Sraffa parece

ser a maneira mais adequada de identificar os verdadeiros opositores à expansão do marxismo nas ciências econômicas. O embate entre marxistas e sraffianos (ou neoricardianos) é muito difícil de ser desfeito, mas não impossível. Caso haja acordo tático entre aqueles com o interesse em comum de ampliar o método do socialismo científico nas ciências econômicas, haverá uma saída.

³ Ver Engels ([1885] 1963).

⁴ Ver Böhm-Bawerk ([1896] 2007).

⁵ Ver Sraffa (1960).

⁶ Ver Samuelson (1957) e Samuelson (1971).

⁷ Para efeitos formais, o desafio consiste em demonstrar “como, não só sem ferir a lei do valor, mas, ao contrário, fundamentando-se nela, se pode e se deve formar uma taxa média igual de lucro (...)” (Engels ([1885] 1985), p. 17). No atual estágio, a demonstração sem ferir a lei do valor foi feita (solução da contradição), mas a parte “fundamentando-se na lei do valor” ainda não, devido ao predomínio da noção de redundância da teoria do valor trabalho e ao desaparecimento da categoria lei do valor nas ciências econômicas.

⁸ Ver Lexis (1895).

⁹ Ver Marx ([1894] 2004).

¹⁰ Alguns autores defendem que não há nada de errado com a solução de Marx, como se ela fosse perfeita. Esta tem sido a linha da TSSI (Temporal Single System Interpretation – Sistema Único Temporal), cujos principais representantes são Freeman, Kliman e Wells (2004).